

*A Igreja segue a meta do Reino de Deus. É a dimensão escatológica da realidade eclesial da fé cristã. Ela penetra em uma perspectiva de tensão rumo a um futuro ainda distante, transcendente, mas possível. Ela é chamada a projetar-se para frente, a sentir-se fortalecida pela meta e não voltar atrás, mesmo se deve estar em contínua relação com o próprio passado.*

*Enquanto caminha, a Igreja é alimentada por aquilo que é também o que lhe configura a meta: a Eucaristia. Pode-se dizer que a Eucaristia está no coração, no centro da Igreja e está também além da Igreja, da sua realidade atual. A Eucaristia é um bem que está mais adiante, ligada ao Reino, à dimensão escatológica da comunidade de fé. A meta do Reino realiza-se na Igreja na medida em que ela vive em profundidade e plenitude a realidade da Eucaristia. Assim, a plenitude da comunhão eucarística é a expressão mais perfeita da plenitude da comunhão eclesial.*

*Por essa razão, a Eucaristia, como expressão central da fé cristã, está necessariamente no centro da vida da Igreja. Ela é o sinal por excelência e a própria realidade da Igreja. Eis porque as Escrituras e a Tradição desenvolveram a imagem da Igreja como “Corpo de Cristo”. Cristo mesmo faz da Igreja o seu Corpo, místico, real e sacramental. A Igreja é um corpo cujos membros só estão verdadeiramente unidos entre si na medida em que configuram a realidade de Cristo.*

*Por essa razão a Eucaristia faz a Igreja. Ao dar seu corpo físico ao Pai e à humanidade, Jesus fez da comunidade que o recebeu seu “novo corpo”, sua nova forma de presença na história da humanidade. É um corpo eucarístico, numa ligação profunda entre a realidade humana vivida e a forma mística que agora assume. A Igreja é formada por esse ato de doação, atualizado a cada celebração do sacramento da Eucaristia. Isso faz da Igreja a própria realidade que ela celebra.*

*A realidade eucarística da Igreja mostra três principais elementos: 1) a Eucaristia não é uma “coisa”, algo nosso, obra humana e nem mesmo da Igreja. É dom de Deus. Assim, a Eucaristia é uma profissão de fé, a mais profunda profissão de fé da comunidade cristã. É o próprio conteúdo e ápice da expressão de fé, como celebração da obra de Deus a favor da humanidade. 2) A Eucaristia permite celebrar, na fé, a “presença” de um “Ausente”. Trata-se daquele que atuou em toda a história da salvação. Por isso, celebrar a Eucaristia é “fazer isso em memória” da ação de Deus em Cristo. A Eucaristia é, assim, um testamento eclesial da pessoa de Cristo, do dom que ele realizou*



e “se tornou” para os que partilham do pão e vinho, seu corpo e sangue. 3) A Eucaristia expressa a comunhão como convocação universal de todos os fiéis, e de toda a humanidade, ao redor do Senhor. Quando Deus está conosco, a humanidade inteira é dada em comunhão aos que celebram o sacramento da Eucaristia, mesmo os não presentes, ou não crentes no mistério celebrado.

Isso não é sem desafios. O primeiro deles é compreender a Eucaristia como o sacramento da unidade. Ela não deve ser fator de divisão e exclusão. A celebração desse sacramento não deve expressar solidão, intimismo, egoísmo. No mistério celebrado encontram-se todos os crentes de todos os tempos e lugares, mesmo se fisicamente ausentes. Como realidade sacramental, a eucaristia é “presença” de uma “ausência”. Na celebração desse sacramento Deus Pai hospeda toda a humanidade dada ao seu Filho. Um só é o corpo de Cristo, e nele se com-formam os/as filhos/as de Deus.

Daqui, um segundo desafio: a Igreja que celebra a Eucaristia não deve consagrar o individualismo, as estruturas egoístas, as atitudes e espíritos fechados. Somente uma comunidade verdadeiramente “católica”, ou seja, aberta a todas as comunidades, a toda a Igreja, em comunhão com todos os crentes, pode verdadeiramente celebrar a Eucaristia. Na celebração eucarística, a Igreja é um “nós” verdadeiramente universal. Por isso a Eucaristia rompe com os círculos fechados, os grupos ensimesmados, as amizades mesquinhas. Tudo e todos nela estão incluídos como sinal escatológico da comunhão do Reino.

Um terceiro desafio: a Igreja que celebra a Eucaristia coloca-se frente ao mundo e à história com uma atitude compromissiva, denunciando a insuficiência humana, a pobreza radical e constitutiva de qualquer outra força além de Deus. Na celebração eucarística, os participantes unem sua voz à de Maria para entoar o Magnificat, louvando a Deus pelas maravilhas que fez e faz a favor do seu povo. A celebração eucarística coloca-nos em confronto com os “primeiros”, os “poderosos”, os “ricos”... afirmando que os últimos, fracos e pobres são os “herdeiros do Reino”, invertendo a escala de valores. E isso em virtude da fragilidade e da pobreza do sinal: um pouco de pão, um pouco de vinho. Crer e afirmar que “esse pedaço de pão” e “esse pouco de vinho” são o motivo mais nobre da nossa solidariedade e o sinal mais forte da nossa confiança na comunhão, pode parecer uma loucura. Mas é o sinal/ realidade da salvação. A bem da verdade, isso é mais que um desafio. É o ápice da fé.

A presente edição da revista *Encontros Teológicos* quer ajudar o leitor a refletir sobre o maior mistério da fé cristã: a presença de Cristo no sacramento eucarístico. Walter M. GOEDERT nos lembra que a Eucaristia é a fonte e o cume da vida cristã, com uma apurada síntese da teologia e da prática eucarística. Vitor G. FELLER propõe que a concepção da Eucaristia como sinal do Reino de Deus poderia ser um critério mais objetivo para o julgamento



*sobre o acesso dos fiéis à mesa da comunhão. Mostra a dimensão escatológica da Eucaristia na opção pelos pobres, no cuidado com o mundo, na vivência do agradecimento. Ney B. PEREIRA aprofunda o sentido da Eucaristia a partir da perícopa eucarística do quarto evangelho, focalizando o sentido das expressões comer da carne, beber do sangue, discutindo se se trata, na Eucaristia, de uma “ceia fraterna” e/ou de uma “ceia ritual”, e chamando a atenção para o significado da fórmula institucional sobre o cálice. Elias WOLFF, apresenta a Eucaristia como o sacramento que melhor expressa a unidade dos cristãos e constitui a Igreja-Comunhão. Trata das implicações doutrinárias desse sacramento nas relações entre as igrejas cristãs. A tese defendida é que sem comunhão eucarística não existe verdadeira comunhão eclesial e sem a comunhão eclesial a celebração eucarística não é vivida em perfeição. Vilmar A. VICENTE faz uma síntese da história dos Congressos Eucarísticos, apresentando o XV Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Florianópolis, de 18 a 21 de maio de 2006. José A. BESEN discorre sobre a inter-relação entre liturgia, espiritualidade e teologia, refletindo sobre a celebração do mistério pascal e o Espírito Santo gerador da comunhão. Luiz J. DIETRICH reflete sobre a prática de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, nas quais a Eucaristia era também fonte de cidadania para os que dela participavam. Um grupo de alunos do ITESC (VV.AA.) mostram a importância do acesso ao texto bíblico nas línguas originais para melhor captar o significado e o alcance da Palavra Sagrada na Bíblia. A presente edição de Encontros Teológicos traz, ainda, resenhas e crônicas que contribuem para a formação/informação do leitor.*

*Esperamos oferecer aqui elementos que contribuam para que os/as leitores/as da revista aprofundem a fé no mistério eucarístico celebrado na Igreja, tornando-a sempre mais a realidade que ela celebra.*

Elias Wolff